

## ULISSES NA ESCOLA: PENSAR EM LIDERANÇA EDUCACIONAL A PARTIR MITO DE AQUILES

*Esta história é um ponto de partida para repensar a "liderança" e a "ação educacional", pilares de um programa de atuação que aspira a entender a educação em contextos desfavorecidos de uma forma integral.*

1

### O VALOR DO MITO PARA O CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO

Primeiro, teremos que justificar o porquê de partir da mitologia, para saber que tipo de conhecimento é o que obteremos e o que podemos fazer com ele. A relação entre a mitologia e a filosofia é antiga. Platão começa um dos livros fundadores da filosofia política não com uma linguagem teórica, mas com uma narrativa de uma situação e um encontro. A República, como outros textos platônicos, remete constantemente para histórias e mitos. No centro dessas histórias, encontramos os argumentos. Neste contexto, Pieper questiona se o uso recorrente de histórias é um recurso de ensino que Platão usa para transmitir idéias abstratas ou se é algo mais (Pieper, 1984:13). Mais tarde, pergunta retoricamente: "Não poderia ocorrer também que a realidade com verdadeiro alcance para o homem não possui a estrutura de conteúdo objetivo mas sim a de um evento e que, conseqüentemente, não pode ser adequadamente capturado apenas numa tese, mas sim numa *praxeos mimese*, na imitação de uma ação, usando a linguagem de Aristóteles, ou o que é o mesmo, numa história?" (Pieper, J. 1984:14-15).

1

De facto, histórias ou certos arquétipos refletem acontecimentos humanos que são transmitidos oralmente ou fazem parte de relatos fictícios ou da herança dos povos, que, em qualquer caso, expressam verdades em ação; verdades sobre o sentido e que por isso, podem continuar a ser interpretadas dentro da cultura de hoje, já que refletem algo essencial, difícil de observar de outra forma. Quando Javier Gomá usa o mito de Aquiles no gineceo, como veremos mais tarde, para descrever algumas características essenciais do jovem herói, o mito está a funcionar não a partir da imaginação pura do filósofo, mas sim através da sua reflexão; está a capturar na história mítica um conteúdo antropológico universal e o leitor pode descobrir esta verdade precisamente porque é uma verdade reconhecível na sua própria história de vida, mesmo milhares de anos depois. É neste sentido que o caráter da história recebido oralmente, e não criado *ex novo*, é relevante.

Os mitos não são como qualquer outra história, não são puro exercício criativo. O seu valor reside na sua sobrevivência ao longo do tempo. Essa sobrevivência no tempo é, de certa forma, uma garantia da verdade que transmitem. Se pudermos "ouvir" essencialmente o mesmo que Platão, é porque os mitos se referem a questões substanciais, geralmente referindo-se ao sentido último da vida humana, não resolvido de outra forma. Os mitos não transmitem uma verdade material, mas podem transmitir outros tipos de verdades impossíveis de contar fora de uma narrativa.



## TÉTIS E AQUILES, O GINECEU E TROIA: UMA BREVE NOTA SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

2

Aquiles é levado por sua mãe, Tétis, para a Ilha de Scyros para permanecer escondido do olhar de Ulisses. No gineceu, entre mulheres e disfarçado de mulher, vive alheio à Guerra de Troia, que é o seu destino. Troia exemplifica a grande epopeia grega e o paradigma do dever para com a comunidade. O mito é lido por Gomá (2007) na chave de um modelo de desenvolvimento humano que vai desde do estágio estético, típico da infância e adolescência, centrado num *eu* sem obrigações, com todas as suas possibilidades abertas, mas sem as concretizar, até ao estágio ético, que caracteriza a vida adulta. É de inegável valor, para a reflexão educacional, dado requerer pensar nas finalidades da vida - e também da educação - bem como no caminho necessário para o seu cumprimento, um caminho que não pode ser percorrido sem a liderança necessária de Ulisses, o Educador.

A primeira coisa que podemos destacar no mito, é o papel de Tétis, a mãe de Aquiles. Ela é apresentada como um arquétipo interessante das relações paterno-filiais, marcadas pelo amor e pela proeminência do pai e da mãe na educação dos seus filhos. Esta é uma questão crucial, pois a atitude em relação à própria escola dependerá também das expectativas e comportamentos dos pais para com ela, como eles a entendem e, especialmente, o seu papel nela, a própria estrutura familiar, o tipo de pressões a que a família é submetida, particularmente em contextos desfavorecidos. Se Aquiles conhecia o papel protetor de Tétis, também a escola de hoje deve conhecer os seus próprios "Tétis", para agir em conformidade e para reinterpretar, na atual conjuntura social, cultural e familiar, o sentido da maioritariamente aceite protagonismo do pai e da mãe na educação dos filhos.

2

Sem reconhecer a complexidade desses laços afetivos e emocionais de origem, é difícil que as instituições de ensino possam estabelecer uma relação correta, exigindo um espaço próprio que os pais devam conhecer e respeitar. Ambos os personagens e ambos os espaços são necessários para a vida de Aquiles e ambos são, por sua vez, insuficientes. Discursos que não levem em conta esta dificuldade base, não poderão responder às dificuldades que as relações familiares sofrem na vida real. Não há dúvida de que os discursos educacionais atuais enfatizam o envolvimento necessário da família na vida escolar (Bolívar, 2006; Epstein, 2001; Egido e Bertrán, 2017). No entanto, também é comum que as escolas se queixem da dificuldade que os pais têm em articular tal envolvimento. "Nos últimos tempos, os professores têm-se quiexado, e com razão, sobre como, face a certas situações de conflito, a atitude mais comum dos pais é apoiar os seus filhos, em vez de colaborar" (Bolívar, 2006:133).

## ULISSES TEM UM OBJETIVO E TOMA DECISÕES

Ulisses é um herói para os gregos, alguém que reflete algumas virtudes destacadas pela comunidade em grau pleno. É uma pessoa numa certa encruzilhada que, nas suas decisões e na sua ação, supera as dificuldades que tem que enfrentar na sua procura da Justiça. É um arquétipo do que podemos ser.

Usando a figura de Ulisses, uma pessoa, para falar de liderança educacional, pressupõe já o reconhecimento de uma certa hierarquia, necessária desde logo nas tarefas educativas. Significa também colocar-se numa posição reflexiva em torno da autoridade na educação (a *authoritas*



dos romanos, como reconhecimento social e influência no grupo por contraponto à *potestas*, como o poder político imposto pela força coerciva) ou quanto aos limites de alguns conceitos difundidos e aceites na abundante literatura sobre liderança.

O eixo principal que sustenta o debate é o seguinte: diante da liderança burocrática que apenas distribui ordens que resolvem as necessidades do dia-a-dia, há aquela cuja principal função é orientar e conhecer as várias vontades de forma a comprometê-las na tarefa comum e, ao mesmo tempo, distribuir responsabilidades. Nada disso tem a ver com uma interpretação "líquida" ou "horizontal" de liderança, que não assume as consequências das decisões ou que as dilui num clima de responsabilidade anónima ou indeterminada.

Nesta história de Aquiles, Ulisses é um personagem essencial. Aquiles não se tornará o melhor dos Achenes sem o chamamento de Ulisses, que representa o protótipo da liderança educacional. **A primeira coisa que caracteriza Ulisses como um líder é que tem um objetivo.** Ulisses recebe uma missão da comunidade. Tem de conseguir que Aquiles vá para a guerra. Ele sabe o que quer e organiza a sua ação com base nesse objetivo final. Ulisses quer levar Aquiles a uma guerra específica e não a uma qualquer; à Guerra de Tróia, o episódio fundador dos gregos; ele quer tirá-lo da sua cómoda adolescência no gineceu, onde está entretido entre donzelas e jogos infantis.

### ULISSES ELABORA UMA ESTRATÉGIA

Arrastar Aquiles para Tróia não é tarefa fácil, porque, para além da sua óbvia imaturidade, o seu contexto jogou contra os planos de Ulisses. Escondido e disfarçado como uma mulher, não era reconhecível. O Rei Licomedes não ajudou. Negou que ele estava lá e deu permissão para que o Aapeople o procurasse, mas sem sucesso. É então que Ulisses elabora uma estratégia e viaja para Scyros disfarçado de comerciante.

Todos os grandes reformadores educacionais projetaram estratégias, mas antes de fazê-lo em relação à liderança escolar, fizeram-no sobre a sua própria prática educativa: de Pestalozzi a Montessori, de Lancaster a Dewey, todos pensaram ou adaptaram algum modelo educativo. Os problemas educacionais não são resolvidos facilmente. Requerem modelos e estudo, exigem estratégia. Podemos projetar um curso de liderança educacional sem pensar nos objetivos da educação? Nas suas dificuldades reais? Podemos saltar esse passo se queremos fazer algo realmente valioso? Não deveríamos incluir espaços de reflexão sobre o que queremos e como o queremos alcançar?

### O ESCUDO E A TROMBETA

Como reconhecer um entre muitos? Como chamar a sua atenção para o reconhecer ou uma vez reconhecido, atraí-lo? Lembremo-nos que Ulisses disfarçado chega a Scyrus e apresenta-se em frente ao gineceu com presentes para as mulheres. Entre eles, colocou um escudo e uma lança. Manda fazer soar a trombeta e Aquiles, acreditando na chegada do inimigo e à vista das armas, revela-se. Este interessante episódio convida-nos a pensar em alguns recursos para a liderança educativa.



4

Em primeiro lugar, requer um mecanismo de abordagem que não é dado e que necessita de ferramentas para facilitar essa aproximação. No caso das escolas, essas armas são as matérias ensinadas. Os professores são educadores através das várias disciplinas. Nisso consiste o ofício de educar em instituições escolares. A liderança educativa que não defina o seu objetivo ou comece com o académico, estará a pensar nas escolas e institutos de forma distorcida. A principal função da escola é a transmissão cultural e essa transmissão não só está relacionada com a dimensão cognitiva, como com a dimensão afetiva de várias maneiras; os resultados, por exemplo, melhoram o auto-conceito e as próprias relações familiares (Giofr, Borella e Mammarella, 2017).

A liderança para a educação integral passará, como sempre, por melhorar o desempenho dos professores, vinculando-os aos objetivos da escola, valorizando o seu trabalho de ensino e não necessariamente sobrecarregando esse trabalho com outros aparentemente importantes, mas, no fundo, supérfluos. As armas do professor são as matérias e a sua capacidade de ligação com os alunos.

Mas dizer isto é pouco. Qualquer reflexão sobre a liderança educativa nesta dimensão de conteúdo terá que tomar uma posição perante alguns problemas típicos do nosso tempo e dos destinatários do nosso programa: as escolas desfavorecidas. O primeiro tem a ver com a ligação entre o conteúdo e as competências. Isso implica, por exemplo, tanto a avaliação como as metodologias. O debate é amplo e tratado profundamente em muitos lugares. Teremos de situarmo-nos, por um lado, perante as propostas que reivindicam um retorno clássico ao conteúdo. Em que sentido o discurso das competências veio trazer algo positivo. Por outro lado, teremos de ter cuidado com o ênfase excessivo que tem sido colocado na novidade metodológica, especialmente quando alguns estudos já o põe em questão (Stockard, Wood, Coughlin e Rasplia 2018). No que diz respeito aos nossos destinatários, teremos de debater com aqueles que nos acusam de querer instruir em vez de reconstruir vidas em dificuldade, esquecendo o caráter curativo de uma vida de estudo bem orientada.

4

### A GUERRA DE TRÓIA: UM DESTINO PARA ULISSES

Não há aventura formativa, não há necessidade de tirar os alunos de algum sítio se não é para levá-los a outro. Pensar na educação a partir deste mito, é pensar sobre os propósitos da escola e acima de tudo as suas finalidades públicas.

A própria liderança educativa da escola visa o desenvolvimento do eu com o objetivo de participação no espaço público. A escola é entendida na dimensão da formação para a cidadania. Uma citação de Meirieu a este respeito: "A escola é uma instituição na qual as relações entre as pessoas, toda a gestão diária e todo o ambiente material, conspiram. Do ponto de vista etimológico "respiram juntos" para instituir uma forma particular de atividade humana baseada em valores específicos: o reconhecimento da alteridade, a exigência por precisão, o rigor e a verdade. A aprendizagem conjunta da construção do bem comum e da capacidade de pensar por si mesmo" (Meirieu, 2006:95). Chegar a tudo isto depende do conceito de pessoa de onde partimos e de como nada do que a constitui seja deixado de fora de uma educação que entendemos ser integral.

